



## MEMORIAS NA NARRATIVA, ENQUANTO A NOITE NAO CHEGA, DE JOSUÉ GUIMARÃES

Epaminondas de Matos Magalhães<sup>1</sup>

Larissa Aparecida dos Santos Claro<sup>2</sup>

A memória é invadida constantemente pela imaginação e os sonhos, e já que existe a limitação de crer na realidade da imaginação acabamos por fazer uma verdade mentirosa. (Luiz Bunuel- Meu último suspiro)

**RESUMO:** O presente artigo discute a configuração memorialística na narrativa, *Enquanto a noite não chega*, de Josué Guimarães, considerando-a como reconstituição de um passado ficcional, perpassado pelo discurso narrativo da verdade e pelo desejo de preservação contra a sombra do esquecimento.

**PALAVRAS CHAVE:** Memórias. Passado. Esquecimento.

**ABSTRACT:** This article discusses the setting in the narrative, memoirs *As night comes*, Joshua Guimaraes, considering it as reconstitution of a past fictional narrative discourse permeated by the truth and the desire to preserve against the shadow of oblivion.

**KEYWORDS:** Memories. Past. Forgotten.

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos discutir a configuração da memória na obra sul-rio-grandense, *Enquanto a noite não chega*, de Josué Guimaraes. Os elementos memorialísticos, na obra, estão presentes por meio dos símbolos e são necessários para a

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Letras-Teoria da Literatura, nível de Doutorado, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT-Campus Campo Novo do Parecis- End. MT 235 Km 12;, s/n, Caixa Postal n. 100, Zona Rural - CEP 78360-000/ email: epa.magalhaes@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduada, nível de Mestrado, em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora de Língua Portuguesa das Faculdade Cathedral- Barra do Garças- MT. End. Av. Antônio Francisco Cortez, s/n – Cidade Universitária, 78600-000 / email: larissa.claro@hotmail.com



sobrevivência das personagens, uma vez que lembrar é não deixar o passado, simplesmente, no passado, mas revificá-lo, presentificá-lo.

Para nossos estudos nos apoiamos, principalmente, em Bosi (1994), Miranda (1988), Oliveira (1988) e Remédios (1997).

## **2. OS (DES) CAMINHOS DA MEMÓRIA EM *ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA*, DE JOSUÉ GUIMARÃES**

As memórias, de certa forma, são uma das manifestações dentro da literatura que estabelecem um constante diálogo com outras esferas do conhecimento, tais como: a Psicologia, a Sociologia, a História entre outras. A memória em sentido “*lato sensu é a capacidade humana de armazenar dados*” (Maciel, 2007, p.01), talvez daí o grande interesse por essa manifestação literária. A partir da metade do século XX, acompanhamos um crescente avanço nas literaturas de cunho confessional e memorialistas. Segundo Remédios (1997, p. 09) isso se deve pela “crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências, recordações e fatos históricos”.

O tempo é um fator de peso em se tratando do cenário literário. As descrições de uma vida estão guardadas através deste tempo. As ações, os acontecimentos podem ser resgatados por meio da rememoração narrativa, seja do tempo da infância, da vida adulta ou de qualquer outro momento. A rememoração, neste sentido, é o registro do tempo vivido. São registradas impressões, experiências significativas e simbólicas para o indivíduo narrante.

No desvendamento da literatura configuram-se técnicas do controle simbólico do tempo. O tempo na literatura surge para reconstruir imagens que se perdem, fatos que se esvaecem. A memória, portanto, insere-se dentro dessas técnicas do controle simbólico do tempo, se configurando como narrativa em primeira pessoa, onde temos um narrador que retorna ao passado para compreender o presente.

Os atos humanos de rememoração rompem com os limites da separação temporal, criando efeitos de imagens-vestígios. As imagens-vestígios são fragmentos de um passado que se recria, se reconstrói à medida que são lembrados.

Esse tempo interliga passado, presente e futuro, uma vez que temos o presente determinado pelo passado, pois o passado, a certa altura, desencanta o futuro, ou até mesmo vemos um passado determinado pelas correntes do tempo presente preenchendo as lacunas



deixadas por este. Segundo Oliveira (1987, p. 47) “o protagonista, enquanto se lembra do passado, acrescenta nele novas vivências no presente da enunciação”.

Um aspecto importante está co-relacionado ao fato de que o rememorar em sua grande maioria parte de pessoas idosas, “pois em suma para o idoso ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação”, compreende Bosi (1994, p.60).

É preciso destacar que é por meio das memórias que um texto memorialístico se constrói, em que a narrativa percorre todo o passado do narrador, unindo as duas pontas da vida, juventude e velhice.

De acordo com Bosi (1994, p. 60) a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado aflora a consciência e um mundo vasto de imagens. À medida que avançamos na vida, as lembranças do passado se alargam, se organizam, formando uma história.

O *corpus* de análise acerca dos recursos memorialísticos na narrativa é a novela *Enquanto a noite não chega*, de Josué Guimarães.

Em *Enquanto a noite não chega*, de Josué Guimarães<sup>3</sup> temos uma narrativa em terceira pessoa, de dois velhos- Dona Conceição e Dom Euletério, a espera da morte, sendo os únicos moradores de uma pequena cidade, juntamente com o coveiro que espera a morte deles para os enterrá-los e poder ir embora. Os dois velhos aos poucos vão relembrando em doze capítulos as vivências passadas, os filhos e os netos que já partiram.

Na obra de Josué Guimarães, *Enquanto a noite não chega*, temos dois narradores-idosos que presentificam o passado. Fazem a reconstituição dos momentos vividos como forma de autopreservação desses momentos, mas também na função de significar ou ressignificar o sentido da vida através das cenas que se projetam nas memórias.

O relato das memórias inicia-se já no primeiro capítulo, em que temos o diálogo da velha e do velho, rememorando o momento do nascimento do filho mais velho Adroaldo.

A velha suspirou:

\_\_\_ Se o Adroaldo fosse vivo, hoje estaria fazendo sessenta e oito anos.

O marido corrigiu sem pressa:

---

<sup>3</sup> Josué Guimarães nasceu em 1921, no município de São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, é jornalista e escritor com passagem nos principais jornais e revistas do país.



— Sessenta e sete, minha velha. Ele nasceu em 1991, numa quarta-feira. Era um feriado qualquer, eu não consigo me lembrar bem que feriado, mas era dia de ninguém trabalhar.

Dirigiu-se à cômoda onde estava o retrato do filho, em sépia, descolorido, arranhado. (GUIMARÃES, 1978, p. 9)

Eliade (1992) aponta que repetir/relembrar o passado, presentificando-o, através da poética ou da narrativa, é eternizar os grandes momentos vividos que são revestidos pela espontaneidade e pelas imagens fantasiosas que recobrem as lacunas deixadas pelo tempo.

Presentificando o passado, através da rememoração é possível à libertação do tempo. Assim, ao recordar, as personagens o fazem com uma carga mágica, com maior preciosidade dos fatos e das coisas, posto que a memória possui a função e a capacidade de restaurar a inexorável decadência humana. No trecho a seguir visualizamos a preciosidade da narrativa memorialística, como luta da decadência humana ligada a velhice.

Ora, me lembro tão bem como se fosse hoje. A gente morava em Porto Alegre, na rua da Margem. Saímos por ali, no meio da poeira, a rua ia acompanhando as voltas do Riacho e eu ia abanando para os amigos que estavam na porta das casas ou que surgiam nas janelas baixas. (GUIMARÃES, 1978, p. 70)

Na concepção de Eliade (1992), a memória, ou as lembranças do adulto, fazem o passado e o futuro se presentificarem, eternizarem em momentos poéticos de descoberta e redescoberta, de invenção e inovação.

As lembranças e as memórias dos indivíduos estão, de certa forma, condicionadas ao meio familiar, ou grupo social, sempre há uma relação entre outros para a sua reconstituição. No trecho citado acima, vemos a fixação das memórias aos espaços geográficos delimitados.

Bosi (1994, p. 60) salienta que ao haver estabilidade por um tempo determinadamente longo em algum lugar, torna as memórias inseparáveis da morfologia de tal local. Assim, a memória conta com as construções deste mundo material. O cotidiano diário, ou os momentos significativos na vida de um indivíduo, tornam-se a peça chave para reconstruir as lembranças desse cotidiano ou desses momentos significativos. As lembranças surgem como possibilidades de um novo contato com aquele cotidiano.



As duas personagens narradoras parecem estar estabelecidas ali desde muito tempo, mesmo que essa relação espaço-temporal não nos seja dado com veemência.

É interessante notarmos que um primeiro olhar no texto, este sendo uma narrativa em terceira pessoa poderíamos não encontrar neste qualquer traço de um texto de memórias. Mas ao adentrarmos no universo ficcional do conto, percebemos que o narrador funciona quase como um anunciador breve de acontecimentos, visto que na grande maioria do conto são os dois velhos que narram suas próprias memórias.

Ao romperem a narrativa em terceira pessoa, criando uma narrativa em primeira pessoa, temos a tentativa desse *eu* ou desses *eus* de darem as suas memórias um caráter de verdade.

Todos os acontecimentos são desvelados pela lembrança, que recorre muitas vezes, a documentos oficiais, cartas, diários, jornais, para que o memorialista possa, desse modo, persuadir o leitor sobre a verdade do que relata e prestar um serviço àqueles que o sucederão na sociedade. (REMÉDIOS, 1997, p. 14)

Durante toda a narrativa temos constantemente elementos que buscam dar veracidade aos fatos apresentados. Apresentam fotos, recortes de jornal, datas precisas, fatos históricos, na busca de consolidar a verdade das memórias.

Agora, os dois, sem mesmo saber por quê, se lembravam da morte da filha Teresa, com três anos de idade, 1918, levada pela gripe espanhola. O governo mandara abrir valas comuns nas ruas para sepultar centenas de mortos, numa seqüência de desgraças que a todos terminou por deixar insensíveis. (GUIMARÃES, 1978, p. 70)

Emerge na reconstituição da memória um *eu* que restaura as vivências das teias de papéis que desempenhou durante a vida. A memória da própria história constitui um eixo biográfico. As lembranças perpassam também os momentos significativos da vida passada.

De acordo com Bosi (1996, p.21) a memória é o grande tesouro da velhice, pois é nela que estão guardados os mais célebres momentos da vida.

Vale destacarmos que a memória não é algo individual em seu sentido literal, mas algo que ocorre pela mediação do coletivo. São lembranças que ressurgem mediados



pelo meio, cobertos por outros dentro do processo rememorativo. Neste sentido, a memória extrapola o burilamento apenas subjetivo do indivíduo. Ela, a memória, é mediatizada por uma linguagem que recria os fragmentos do passado. Desta forma, a linguagem na literatura, no sentido de busca da constituição da memória, reveste-se para ressignificar o passado, ressuscitar lembranças experimentadas que emergem dentro de um novo contexto de significação.

Em todas as voltas ao passado, os dois narradores, recorrem a precisão das datas para configurar suas memórias, portanto, temos tempos lineares e palpáveis para nos localizarmos. As datas funcionam no presente da narrativa, como mola propulsora que lançam as personagens no fundo de suas memórias, retirando desses tempos datáveis as recordações de certas vivências significativas.

Em *Enquanto a noite não chega*, as lembranças vão surgindo de forma isolada, pois a cada capítulo, intitulados com os nomes das personagens a serem lembradas, temos recordações de entes queridos que são evocados por meio de contextos pequenos, que aos poucos vão ganhando toda a cena narrativa. Podemos dizer que os dois narradores voltam ao passado para resgatar aquilo que perderam, os filhos, os netos e os genros, visto que para a conjuntura da obra, esses são os pertences que merecem ser submetidos ao alargamento da memória.

Os dois personagens que entremeiam a voz do narrador, tornando-se também narradores de suas próprias vivências, surgem na cena não para recontar o passado no sentido de demonstrar ou admitir que se fosse possível recomeçar aconteceria tudo da mesma forma.

As narrativas que abordam um passado baseado em ações cotidianas, segundo Berger (1991, p. 36), consolidam o passado à medida que singularmente reconstroem a realidade, pondo-a em contato com o presente. Neste contato com o presente, o passado se reconstrói de outra maneira, permeado pela evolução imagética do indivíduo que rememora.

Todas as ações dos narradores (Dona Conceição e Dom Eleutério) se passam em um contexto cotidiano, do lar a espera da morte ou do filho que foi a peleja, dado que são os últimos moradores da pequena cidade que sucumbiu, sem ser nos dado informações sobre os motivos de seu abandono e esquecimento.



Ligado à realidade propiciadora do regaste das lembranças, o espaço, este não somente o exterior, articula de certa forma o palco para as narrativas do passado. Reencontrar, assim, o tempo perdido constitui-se como recuperação de um espaço que subsiste apenas na memória do indivíduo, pois nada permanece estável a não ser as lembranças guardadas nos recônditos da memória.

Durante toda a narrativa os dois velhos se interpelam no sentido do não esquecimento dos fatos, os que nos leva novamente a questão da autopreservação da vida através das memórias, uma vez que ao lembrar estamos de certa forma lutando contra as margens do esquecimento. Mas a memória só surge por meio da possibilidade do esquecimento, portanto, é ele, o esquecimento, como sombra ameaçadora, que nos faz lembrar do nosso passado, de nossas vivências.

Te lembras de como a gente recebeu a notícia da morte do menino, na Revolução de 30, quando o batalhão dele andava pelos lados de Itararé?\_\_ ela fez uma pausa\_\_ Itararé fica para os lados de São Paulo, não é?  
Fica\_\_ confirmou o velho depois de retornar à cadeira de balanço forrada com um velho pelego descolorido pelo tempo.  
(GUIMARÃES, 1978, p. 10)

Neste trecho, podemos notar a necessidade de lembrar o passado como válvula de escape contra a força ameaçadora do esquecimento. W. Benjamin (1940) aponta que o dilema do esquecimento é causado pelo mundo moderno. Assim, para o referido teórico a única maneira de não deixar o esquecimento desencantar o mundo seria através da memória, pois esta é a capacidade épica por excelência. A memória, desta forma, é a épica da reconstrução das lembranças.

Bosi (1994, p.60) revela que o ato de recordar é um tesouro que se descobre na velhice, e ao lembrar o homem que viveu muitos anos “não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”. Ainda, para Bosi (1994) lembrar é deixar vir à tona aquilo que estava submerso. Assim, através da memória, emerge um mundo submerso que recria suas lembranças.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções inéditas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece



como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

O tecido da memória em *Enquanto a noite não chega*, constitui-se através de uma *ciclização* do tempo. As lembranças percorrem um vaivém, entre o passado e o presente da memória, visto que há na obra uma duplicidade temporal, o passado e o presente muitas vezes se confundem numa só voz.

O retorno ao passado, não se detendo no que a memória histórica possa oferecer como lembrança de fatos reais, ou ainda, indo além das situações factuais, pode oferecer experiências e iluminações sobre a vida, sobre o existir, (...). São momentos de devaneios que atingem o ser do homem em profundidade e oferecem-lhe um conhecimento do repouso do ser em si, do ato de existir. Esses repouso do devaneio profundo oferecem ao homem ou ao poeta uma contemplação especial da existência que a transmite, através de seus poemas, a outras pessoas. (CASTRO, 1991, p. 191)

A memória não segue uma seqüência linear de fatos, há fragmentos, cacos da história que vão se ressignificando. Misturando fatos ocorridos no passado e no presente. Esses movimentos cíclicos são perceptíveis em toda a narrativa, como no trecho selecionado, além de notarmos que as memórias são evocadas com uma carga afetiva e emotiva, temos dentro delas um lirismo sentimental.

Acho que vou fazer pão\_\_ repetiu ela  
Dom Eleutério meneou a cabeça e esfregou as mãos caquéticas, ossos quase furando a pele apergaminhada, e disse que nem se lembrava mais do gosto que tinha o pão.  
Um dia\_\_ ele começou a lembrar como sempre, olhos perdidos num ponto qualquer\_\_ a preta Maria, que Deus a tenha no alto, fez uma fornada de pão caseiro, daqueles salpicados com erva-doce, e o Silvério, que mal tinha feito seus sete anos, correu para pegar a fôrma ainda fumegante e queimou as mãozinhas. (GUIMARÃES, 1978, p.55)

Logo após essa imersão no passado, em suas memórias, Dom Eleutério retorna o presente. O interessante é que no momento em que um dos dois imerge no passado o outro personagem o acompanha, fazendo essa imersão nas mesmas memórias.

Como não alimentasse nenhuma esperança de que Seu Teodoro viesse naquela noite, ela disse que era melhor passarem para a cozinha.  
\_\_ Teria acontecido alguma coisa com ele?





Acho que não\_\_ disse a velha.\_\_\_ Quem sabe uma indisposição, ou pode não ter sentido fome, sei lá, tanta coisa pode acontecer. E depois Seu Teodoro não é homem de cerimônias. (GUIMARÃES, 1978, p. 58)

No conto, as janelas se abrem para o passado, contudo não fixam neste e retornam constantemente ao presente, por meio dos movimentos cíclicos que buscam ressignificar os momentos passados.

Segundo Bosi (1994, p.53) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”.

Dentro de tal perspectiva Oliveira (1988, p. 80) afirma que “(...) a memória, ao buscar o passado irá retratá-lo pelo crivo da linguagem, numa presentificação deslocadora, e é exatamente por esse deslocamento que o ficcional se torna a ‘contingência da recordação”.

Segundo os estudos de Oliveira (1988):

(...) a memória entra então num processo de constante falta na busca desenfreada de preencher a totalidade da recordação e nesse vão de preenchimento, ela acaba criando e recriando situações plausíveis, enriquecendo assim o processo ficcional. (OLIVEIRA, 1988, p.114)

Os acontecimentos que mesclam realidade e fantasia são causados ou evocados por a memória nunca se reconstituir de forma total, deixando margem para os desejos fantasiosos penetrarem e inundarem o campo da recordação. Neste sentido Pollak (1992, p. 201) conclui que “a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”, São essas lacunas que possibilitam o eu-narrante preenchê-las da forma que julgar mais pertinente.

Temos com isso que ao registrar a memória, as impressões, percepções subjetivas, também invadem o campo do eu, deixando à imaginação fabular as memórias, a tal ponto de criar um contanto entre seres de mundos diferentes. Com isso, percebemos um contato entre o real da memória e o imaginário.

As recordações, como já dissemos, extrapolam o real vivido partindo para o mundo do imaginário. Não há como dizermos com precisão que as imagens do passado são reais, mas são imagens que confundem realidade e imaginário que inscrevem desejos e possibilidades. As possibilidades por sua vez trazem uma carga de invenção, partindo do real para o imaginário deixando espaço para a fantasia. Neste aspecto, o autor-narrador



deixa de ser apenas um sujeito que lembra, pois se torna um ser dentro das suas próprias lembranças.

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A água e os Sonhos** - Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Martins fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1989.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

GUIMARÃES, Josué. **Enquanto a noite não chega**. Porto Alegre LePM, 1978.

MIRANDA, Wander Melo. **Fios da Memória**. Trabalho apresentado ao curso de Memorialismo e Autobiografia, 1988, UFMG.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

OLIVEIRA, Edson Santo. **O Tear da Memória e Infância**. Trabalho apresentado no curso Memorialismo e Autobiografia, 1988, UFMG.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.



Revista FACISA *ON-LINE*. Barra do Garças – MT, vol. 01, n. 02, p. 74 - 83, ago./dez., 2012.  
(ISSN 2238-8524)